



NÓ QUE VIRA LAÇO: COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA

Edilma Dias de Lima ¹, Ana Paula Barros de Carvalho ²,

¹ Pedagoga, Faculdade Unisaber do Distrito Federal, Especialista em Ensino Especial, Professora de Atividades da Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal. Escola Classe 40 de Ceilândia, edilma.dias.lima@gmail.com

² Pedagoga, Faculdade FACITEC, Especialista em Educação Infantil, Professora de Atividades da Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal. Escola Juscelino Kubitschek, anapaulabarrosdecarvalho@gmail.com

Resumo: Este trabalho trata-se de um relato de experiência desenvolvido na Educação Infantil de uma escola pública na periferia do Distrito federal e foi resultado de um projeto estimulado pelo curso “Saúde e Segurança” ofertado pela Universidade de Brasília (UnB) na modalidade de formação continuada para promoção da saúde no âmbito escolar, como uma maneira positiva de prevenção ao uso de drogas pelas crianças e adolescentes. As ações propostas tiveram como foco estimular o pensamento reflexivo e o diálogo a partir do uso de técnicas de comunicação não violenta e promoção da cultura de paz na primeira infância.

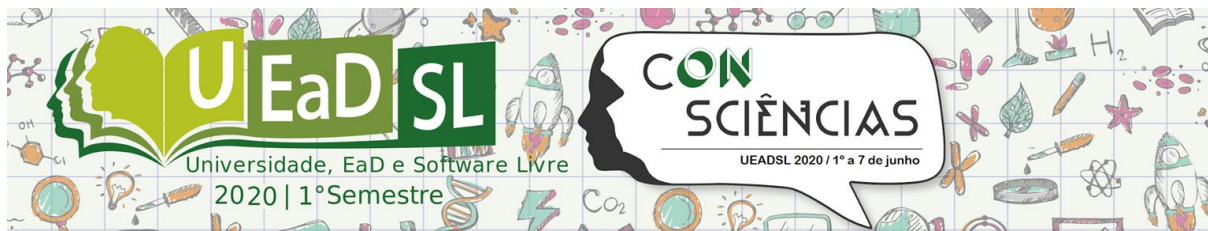
Palavras-chave: cultura, paz, comunicação, violência, diálogo, infância

1. Considerações Iniciais

A partir das observações diárias em momentos de brincadeiras livres, notamos que grande parte dos conflitos que envolviam as crianças estavam diretamente ligados a forma com que habitualmente solucionavam os empasses corriqueiros do ambiente escolar, lançando mão de ofensas verbais e/ou agressões físicas.

Nessa ideia, comparamos o nó ao sentimento que fica preso, engasgado ou, como popularmente expressado, “um nó na garganta”. Com a cultura de paz, pretendemos transformá-lo em laço, porque é comum as pessoas não saberem expressar o que sentem por meio do diálogo e esse nó forte só se desfaz com o uso da força física ou num impulso de se extravasar, sem se dar conta de quem pode ser agredido com essa explosão de emoções.

Em situações de conflitos o meio usado para a resolução nem sempre é o mais cordial, passando por caminhos que agriem e pouco apresentam recursos para solucionar do problema. Chamamos de nó o conflito causado por esses ruídos na

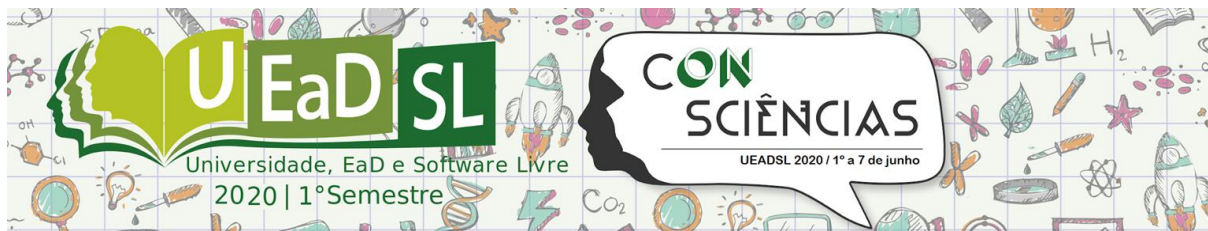


comunicação. Desatar esse nó com a leveza de um bom mediador não é tarefa fácil, pois não se deve deixar pontas soltas. Nessa linha tênue entre pensamento, emoção e fala, não podemos retirar a palavra e emudecer a criança deixando-a desamparada e sem orientação. É preciso sensibilidade para transformar esse nó em laço. O laço é flexível, bonito, e se bem dado, apresenta tanta firmeza quanto o nó, contudo, pode ser desatado e atado novamente sempre que necessário, sem forçar. Laços de afeto, empatia, que enfeitam a situação, onde cada um torne-se capaz de expressar suas necessidades, desejos ou desconfortos sem julgar ou ofender o outro e entrem em um acordo ajustando ideias para que se equilibrem em um perfeito laço em que todos os lados saem felizes com a decisão conjunta. O poder de fazer e refazer, mostra a possibilidade de discutir, rever, ajustar e saber que o resultado sempre pode ser melhorado.

Acreditamos que uma educação que fortalece laços afetivos, comunicação não violenta e diálogos desde a pré-escola, certamente é uma proposta que ganha tempo ao pensar que o adolescente não chegou a essa fase sem passar pelas demais e sim que leva consigo todas suas aprendizagens acumuladas ao longo da vida. De acordo com Young (2010, p133): “A primeira infância é uma época de grande vulnerabilidade e também de oportunidades”. Então, nossa intenção é privilegiar o ambiente pré-escolar levando a essas crianças a oportunidade de conhecer e praticar diversas atividades que promovam saúde e bem-estar na sala de aula e em suas famílias. Pontuamos que talvez mais do que qualquer outro estudo, o *Primer Estudio Internacional Comparativo* (PEIC) aponta que as atitudes dos educadores (ou seja, o que eles fazem com seus recursos) pode ter um resultado positivo e comparável a melhorar o nível dos recursos (WILLMS, in YOUNG org, 2010, p.122).

A partir dessa perspectiva organizamos um projeto bem direcionado, começando por traçar objetivos específicos e ações bem planejadas para que as relações das crianças sejam pautadas por uma cultura de paz, diálogo e conhecimento de atitudes saudáveis. Segundo Love et al (in Young org, 2010, p.175):

A equipe tem de saber como extrair o máximo de boas condições. Apoios à equipe, tais como capacitação adequada e supervisão eficaz, são essenciais. As crianças melhoram seu vocabulário e suas habilidades de comunicação,



interagem mais positivamente com seus pares e com os adultos e têm menos probabilidade de serem agressivas.

Podemos potencializar na infância uma comunicação voltada para a paz, estimulando e exercitando uma fala capaz de traduzir suas necessidades e sentimentos ao invés de uma linguagem agressiva.

Além disso é fundamental que a criança se sinta valorizada como cidadão capaz de criar, pensar, refletir, questionar e expressar sua curiosidade. Empoderando nossas crianças desde cedo aumentando sua autoestima, com posturas de escuta respeitosa, por parte dos educadores, podemos ajudá-las a lidar com seus conflitos internos de tal forma que ao chegar na adolescência o estudante irá aproveitar ao máximo o seu potencial criativo e inovador próprio da idade.

A violência entre as crianças pode ser compreendida como parte de suas relações, como expressão da sociabilidade e dos processos de socialização e subjetivação, por meio dos quais se constroem a identidade social e de gênero. Os atos de violência praticados entre eles vão muito além da mera violência física. As crianças desafiam a escola e os professores, que buscam alternativas para efetivamente transformar o contexto de violências da cultura escolar em espaço educativo e acolhedor, mostrando as inúmeras possibilidades de resolução de conflitos sem o uso da violência física ou verbal. Preocupar-se com a primeira infância e as experiências vividas pela criança, é, sobretudo, dar o primeiro passo para evitar conflitos futuros.

No que se refere à agressividade o reconhecimento da primeira infância como um período especial no desenvolvimento do sentimento de confiança básica tão necessário nas atividades da vida adulta seria consequência da consideração da criança como “cidadã” e do respeito às suas formas de agir, pensar e se expressar.

Objetivos e metodologia

Nosso principal objetivo com esse projeto foi ampliar a rede de vocabulário das crianças, praticando a cultura de paz na resolução de conflitos.

Seguindo esse pensamento, elencamos objetivos específicos para exercitar a Cultura de Paz no ambiente escolar e promover saúde, propor atividades que possibilitem a exposição de sentimentos das crianças na primeira infância:



desenvolver a empatia entre os colegas e a ajuda mútua na resolução dos conflitos; criar em sala uma rotina de colaboração mútua; adaptar técnicas de comunicação não violenta para crianças na primeira infância; mediar conflitos para que as crianças expressassem seus sentimentos e necessidades com discurso não ofensivo e evitando a agressão física e/ou verbal. Para alcançar esses objetivos, realizamos várias ações, das quais explicaremos as principais abaixo:

Atividades de exposição dos sentimentos: Foi apresentado o vídeo do Varal de histórias com o episódio “O monstro das cores”, falando sobre identificação e separação de sentimentos em potes. Em seguida, fizemos uma roda de conversa para que cada criança identificasse os seus sentimentos e emoções relacionando com situações corriqueiras que vivenciaram ao longo do dia. Ao término as crianças confeccionaram diversos Emojis (cara de bravo, feliz, assustado, triste, chateado, ansioso, com raiva, enjoado, etc) em papel A4 branco, coloriram, recortaram e escreveram seu nome atrás. Ao final da aula a criança escolheu apenas um Emoji para colocar na “Caixa de humor” explicando o episódio do seu dia que gostaria de compartilhar com os amigos, mostrando o desenho que fez e relatando como se sentiu e porque escolheu aquela expressão.

Técnicas de comunicação não violenta para as crianças: Iniciamos a aula com a história “Faniquito e Siricutico no mosquito” de Jonas Ribeiro. Em uma roda de conversa refletimos juntamente com as crianças maneiras de expressar nossas necessidades sem usar termos agressivos. Praticando o hábito de formular frases verbalmente que expressem sentimentos, desejos ou necessidades, sem que haja ofensa ou julgamento ao comportamento do colega, ou seja, formular pedidos ou se colocar na situação sem usar apelidos, palavrões e nem partir para agressão física. As crianças foram orientadas a fazerem parte de uma Radionovela, narraram a história e faziam a sonoplastia. Depois as crianças participaram de uma atividade cooperativa envolvendo movimento. Essa experiência apresentou resultado positivo, pois os grupos que terminavam a atividade primeiro ajudavam dando dicas aos que ainda não haviam atingido o objetivo. Essa atividade estimulou tanto o trabalho em equipe quanto o diálogo ao resolver essa situação problema.

Você decide: Em roda, apresentamos aos alunos uma situação hipotética de conflitos



comum ao ambiente escolar (divisão de brinquedos, ordem de posição em fila, material individual e coletivo, entre outras), e pedimos para que eles apresentassem as inúmeras possibilidades de resolver o problema, registrando todas as alternativas no quadro. Enquanto fazíamos o registro, avaliamos o quanto aquela postura nos pareceu justa e sensata. Após o voto de cada criança, vimos qual foi a alternativa vencedora e os benefícios que ele trouxe para o convívio entre os alunos.

- *Amigo Lanche:* Em dias alternados, no momento da distribuição do lanche da escola, o aluno servia o outro colega. Desta forma, trabalhamos a presteza e solidariedade, além da colaboração e do exercício da prática do servir. Durante a realização da atividade, podemos observar as crianças convencendo os colegas a comerem todo o lanche ou mesmo a optar por lanche mais saudáveis, repetindo o discurso da família e dos professores em sala.

- *Exercício da cidadania:* Em roda de conversa, levantamos as expectativas dos alunos em relação à eleição para a nova direção da escola. As professoras trouxeram para sala de aula o tema das eleições presidenciais, pedindo aos alunos que relatassem o que sabiam sobre o assunto. Após isso, informaram que na escola também existe eleições e que toda a comunidade escolar estava envolvida. Pedimos aos alunos que dissessem quais eram as principais melhorias que desejavam para a nossa escola e registramos no quadro. Após isso, as crianças fizeram um desenho do que esperam da nova gestão escolar. Ao recebermos o desenho, escrevemos o que o aluno desenhou, para no caso de não ser possível identificar o desenho, e não o tornar obsoleto. Cada professora fez o registro por escrito dos anseios da turma e todos assinaram o documento final (da forma que sabiam assinar), e o documento foi entrega à comissão eleitoral com a incumbência de apresentá-lo aos candidatos. As crianças entenderam que ainda não podiam votar, mas se sentiram participantes do processo de eleição ao colocar seus anseios em um documento importante que foi levado aos candidatos ao cargo de Direção da escola. Graças a essa ação muitos pais comentaram em reunião que as crianças os motivaram a participarem no dia da votação.

2. Considerações finais



Durante as atividades no geral observamos que inicialmente as crianças identificavam os comportamentos agressivos, mas ainda sentiam dificuldade em expressar oralmente as suas frustrações ou em resolver os conflitos de forma autônoma, assim recorriam constantemente ao auxílio da professora para tal. A medida em que as interferências das professoras passaram a mudar o enfoque, as buscas por sua mediação diminuíram. Ou seja, percebeu-se a necessidade de refletir juntamente professora e crianças sobre como o conflito seria resolvido da melhor forma possível para ambas as partes envolvidas, ao invés de intervir com uma resposta pronta e pensada exclusivamente pela docente.

Outro aspecto importante é o olhar e a escuta atenta e respeitosa do educador ao se comunicar com seu aluno, considerando que segundo Rosenberg (2019, p.151) a punição e coerção ameaça a autonomia da criança de pensar e, portanto, são situações que devemos evitar na convivência escolar. Esse é um ponto que requer esforço e consciência do docente visto que em nossa cultura fomos treinados para dar conselho ou tentar consertar a situação ao invés de darmos voz e vez as crianças.

O desafio de consolidar a cultura de paz é longo e temos muito o que percorrer, no entanto é possível verificar que o esforço em o alcançar diariamente é um grande passo, que necessita de muita reflexão e treino até mesmo por parte do adulto mediador.

3. Referências Bibliográficas

IGLESIAS, Enrique V. SHALAL, Donna E. Reduzindo as Diferenças para as Crianças Pobres. In: YOUNG, Mary Eming (Org.). *Do desenvolvimento da Primeira Infância ao Desenvolvimento Humano: Investindo no Futuro de Nossas Crianças*. Tradução: Magna Lopes. Editora Fundação Maria Cecília Vidigal. SP, 2010. Cap. 12.

ROSENBERG, Marshall. *Vivendo a Comunicação Não Violenta: como estabelecer conexões sinceras e resolver conflitos de forma pacífica e eficaz*. Sextante, 2019.

WILLMS, J. Douglas. Padrões de Atendimento. In: YOUNG, Mary Eming (Org.). *Do desenvolvimento da Primeira Infância ao Desenvolvimento Humano: Investindo no Futuro de Nossas Crianças*. Tradução: Magna Lopes. Editora Fundação Maria Cecília Vidigal. SP, 2010. Cap.4.

YOUNG, Mary Eming. Garantindo um Início Justo para Todas as Crianças: a Situação do Brasil. In:_____ (Org.). *Do desenvolvimento da Primeira Infância ao Desenvolvimento Humano: Investindo no Futuro de Nossas Crianças*. Tradução: Magna Lopes. Editora Fundação Maria Cecília Vidigal. SP, 2010. Cap.5.